

MICROSCÓPIO

Depoimento insuspeito

Raul Pilla

REFERINDO-SE a um dos candidatos ao governo de São Paulo, diz o insigne jornalista: «Professor e, depois, secretário da Viação, tudo por favor direto de Garcez, nada teve para conquistar êsses postos, senão o favoritismo do governador».

Em verdade, que mais seria necessário a uma criatura, do que a boa vontade do governador, para ser secretário de Estado, ou a do presidente da República, para ser ministro? E' do sistema: o chefe do Estado nomeia e demite livremente os seus ministros. Simples sobrevivência da antiga monarquia, o presidencialismo admite, favorece e força tais soluções. Um homem superior, como foi Rodrigues Alves, que aliás se formara no sistema parlamentar do Império, pode subtrair-se à influência e cercar-se de grandes figuras, mas a tendência geral será para as mediocridades, mais encontradiças e, sobretudo, mais cômodas. Qual será o homem de mando que, sem verdadeira necessidade, recorra a quem lhe possa fazer sombra ou criar embaraços? O governo é nitidamente pessoal no presidencialismo e, por isto, uma única pessoa deve emergir — a do chefe. Não vemos nós o extremoso cuidado, com que os ministros atribuem ao presidente os possíveis méritos das próprias iniciativas?

Outras são, evidentemente, as condições em que se faz a seleção dos ministros no sistema parlamentar. Nenhum chefe de gabinete tem interêsse em cercar-se de figuras apagadas, já que a sobrevivência do governo depende do valor dos seus componentes. E, se nem sempre são investidos os melhores que as circunstâncias políticas indiquem, impossíveis se tornam as improvisações, como a que verbera o sr. Macedo Soares. Não há, nem pode haver tais favoritismos na escolha de secretários e ministros, porque a tanto se opõe o funcionamento do sistema.

Outra coisa concorre ainda para a má seleção dos membros do governo no sistema presidencial. A eleição popular demanda sacrifícios de tôda ordem, que com a vitória eleitoral se devem pagar. Assim, se o mecanismo do governo presidencial não leva a escolher os melhores, as contingências eleitorais conduzem frequentemente a investir os piores.

As considerações que aí ficam resumidas, são correntes nos autores que têm feito o estudo comparativo dos dois sistemas, mas era interessante relembra-las, em face do insuspeito depoimento de um dos últimos defensores do presidencialismo em nosso país.